



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PSICOMOTORA**

Jéssica Almeida de Oliveira

CORPOS INVADIDOS:

O desafio da psicomotricidade para trabalhar com corpos
femininos violados em suas existências

Rio de Janeiro
2025

Jéssica Almeida de Oliveira

CORPOS INVADIDOS:

O desafio da psicomotricidade para trabalhar com corpos femininos violados em suas existências

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Orientadora Professora Dra. Cristie de Moraes Campello.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

O48 Oliveira, Jéssica Almeida de

Corpos invadidos: o desafio da psicomotricidade para trabalhar com corpos femininos violados em suas existências / Jéssica Almeida de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2025.

18 f.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Artigo Científico (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Cristie de Moraes Campello.

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Violência contra mulheres. 3. Imagem corporal – Aspectos psicológicos. 4. Trauma psíquico. I. Campello, Cristie de Moraes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Jéssica Almeida de Oliveira

CORPOS INVADIDOS:

O desafio da psicomotricidade para trabalhar com corpos femininos violados em suas existências

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Aprovado em: 06/06/2025

Banca Examinadora:

Dra. Cristie de Moraes Campello (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer
Colégio Pedro II

Ma. Rosana Fachada
Universidade Castelo Branco

Rio de Janeiro
2025

CORPOS INVADIDOS: O DESAFIO DA PSICOMOTRICIDADE PARA TRABALHAR COM CORPOS FEMININOS VIOLADOS EM SUAS EXISTÊNCIAS

Jéssica Almeida de Oliveira

Resumo: Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, tem como objetivo evidenciar os desafios da psicomotricidade no tratamento de mulheres vítimas de violência, a partir da contribuição teórica de Judith Butler, Françoise Dolto, Bernard Aucouturier, e Bessel Van der Kolk. A partir de Butler (1993), compreende-se o corpo como um campo político e vulnerável, cuja violência sofrida expressa formas de dominação estrutural. Dolto (1986) reforça a importância da constituição da imagem corporal como base para o desenvolvimento emocional, enquanto Aucouturier (2007) valoriza o jogo simbólico e o movimento como vias de expressão profunda e reconstrução do sujeito. Kolk (2020), por sua vez, demonstra como o trauma se inscreve no corpo, exigindo práticas terapêuticas que integrem o sensorial, o afetivo e o motor. A psicomotricidade, no contexto clínico ou educacional, ao unir aspectos corporais, emocionais e cognitivos, oferece estratégias significativas para a ressignificação do corpo vivido, contribuindo para a recuperação da identidade, da autoestima e da autonomia dessas mulheres. Conclui-se que trabalhar com o corpo por meio da expressão não-verbal, envolvendo bons afetos e a alegria que a psicomotricidade torna possível, pode representar um caminho potente para romper o silêncio construído por corpos de mulheres violados que, por proteção, calaram-se durante anos diante de tantas violências sofridas.

Palavras-chave: psicomotricidade; trauma; violência; mulheres; imagem corporal.

INVADED BODIES: THE CHALLENGE OF PSYCHOMOTRICITY TO WORK WITH FEMALE BODIES VIOLATED IN THEIR EXISTENCES

Abstract: This bibliographical research aims to highlight the challenges of psychomotricity in the treatment of women victims of violence, based on the theoretical contributions of Judith Butler, Françoise Dolto, Bernard Aucouturier, and Bessel Van der Kolk. Butler (1993) understands the body as a political and vulnerable field, whose suffered violence expresses forms of structural domination. Dolto (1986) reinforces the importance of constituting body image as a basis for emotional development, while Aucouturier (2007) values symbolic play and movement as avenues for profound expression and reconstruction of the individual. Kolk (2020), in turn, demonstrates how trauma is inscribed in the body, requiring therapeutic practices that integrate the sensory, affective, and motor domains. Psychomotricity, in a clinical or educational context, by uniting bodily, emotional, and cognitive aspects, offers significant strategies for redefining the lived body, contributing to the recovery of identity, self-esteem, and autonomy for these women. It is concluded that working with the body through nonverbal expression, involving good feelings and the joy that psychomotricity makes possible, can represent a powerful path to breaking the silence constructed by violated women's bodies who, out of self-protection, remained silent for years in the face of so much violence..

Keywords: psychomotricity; trauma; violence; women; body image.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre o corpo e a subjetividade é profundamente impactada por experiências de violência, especialmente no caso de mulheres, cujos corpos são historicamente atravessados por construções sociais, políticas e culturais que reforçam a dominação e a vulnerabilidade. A violação do corpo feminino não se restringe ao âmbito físico, ela se expande também para o psicológico e o simbólico, afetando a maneira como essas mulheres percebem a si mesmas e interagem com o mundo. Nesse contexto, a psicomotricidade se apresenta como um campo relevante de intervenção terapêutica e educativa, ao considerar o corpo não somente como um organismo biológico, mas como território de expressão, memória e subjetividade.

O presente estudo busca discutir os desafios da psicomotricidade na abordagem de mulheres cujos corpos foram violados em suas existências, seja por meio da violência física, emocional ou estrutural. Além disso, amplia-se a discussão para o contexto educacional, reconhecendo a infância como uma etapa importante para o desenvolvimento psicomotor, marcada por experiências que podem incluir o abuso sexual. Assim, propõe-se analisar como a psicomotricidade pode atuar também na prevenção e identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico em ambientes escolares, oferecendo suporte emocional e corporal para crianças em situação de vulnerabilidade.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada na análise crítica de obras que abordam a psicomotricidade, as práticas psicomotoras, a Psicanálise, a violência e também as questões de gênero. Os critérios de seleção de referencial teórico envolveram a relevância acadêmica dos autores e a contribuição efetiva de suas ideias para esse estudo. Entre os principais autores mencionados estão Judith Butler, Françoise Dolto, Bernard Aucouturier e Bessel Van der Kolk.

Butler (1993) oferece reflexões essenciais sobre a construção social dos corpos e a normatização do gênero, revelando como determinadas existências corporais se tornam alvos recorrentes de violência. Dolto (1986) contribui com a noção da imagem inconsciente do corpo, mostrando como experiências vividas moldam profundamente a maneira como o sujeito se relaciona com seu próprio corpo. Já Aucouturier (2007) fundamenta uma abordagem psicomotora baseada na expressividade do movimento, no jogo simbólico e na escuta sensível do sujeito.

Por fim, Kolk (2020) versa sobre o impacto do trauma no corpo e na mente, defendendo que as marcas deixadas por experiências traumáticas não se limitam ao campo da memória ou da Psicologia, mas se alojam profundamente no corpo.

Dessa forma, a psicomotricidade é compreendida não apenas como um campo clínico, mas também como uma prática educativa e preventiva, capaz de criar espaços seguros para a expressão emocional e corporal, especialmente no contexto escolar. Ao integrar corpo, emoção, cognição e vínculo, essa abordagem oferece possibilidades concretas de intervenção junto a mulheres e crianças vítimas de violência e, portanto, sobreviventes de situações traumáticas, promovendo o resgate da autonomia, da autoestima e da confiança no próprio corpo.

Dessa forma, dentro da estrutura do trabalho, o tópico intitulado *Corpos femininos invadidos e violados, a partir de Butler* propõe uma análise da violência contra o corpo feminino a partir da perspectiva teórica de Judith Butler, destacando como a vulnerabilidade das mulheres não é uma condição natural, mas um efeito direto nas normas sociais que regulam e materializam os corpos. O tópico busca evidenciar que os corpos femininos são historicamente posicionados dentro de uma lógica de dominação patriarcal, sendo regulados por discursos que definem o que é aceitável ou não em termos de gênero, aparência e comportamento. A partir disso, pretende-se demonstrar como tais regulações produzem corpos considerados penetráveis, corrigíveis e, portanto, legitimamente violáveis dentro da lógica social dominante. Ao longo do desenvolvimento serão discutidas as implicações dessa normatização na construção da

violência de gênero, bem como os desafios para romper com essa estrutura simbólica e política que sustenta a inteligibilidade do corpo feminino apenas a partir da sua submissão.

Logo em seguida, o subtítulo *Corpos femininos e violados, a partir de Dolto* propõe uma análise da violência contra o corpo feminino a partir da perspectiva da psicanalista Françoise Dolto, com ênfase na compreensão do corpo como espaço simbólico e lugar de constituição da subjetividade. Partindo da ideia de que o corpo é a síntese viva das experiências emocionais e inconscientes, o texto explora os impactos da violação sexual na construção da imagem corporal da mulher, abordando como essas marcas psíquicas e físicas reverberam na forma como a mulher percebe e habita seu próprio corpo. A partir das contribuições de Dolto, pretende-se refletir sobre as implicações da violência na constituição do “eu corporal” e levantar questões acerca dos desafios que a psicomotricidade enfrenta ao trabalhar com mulheres que carregam marcas profundas de trauma. Ao final, será proposto um olhar para a prática psicomotora como um possível caminho de reconstrução simbólica e afetiva do corpo violado, investigando o potencial dos jogos simbólicos e da ludicidade como estratégias de reapropriação e ressignificação da imagem corporal dessas mulheres.

A seguir, no tópico *Um possível desvio na perspectiva da psicomotricidade*, será abordada a potência da psicomotricidade como caminho terapêutico alternativo e sensível no acolhimento de mulheres que tiveram seus corpos violados pela violência. A partir da compreensão de que o trauma nem sempre encontra expressão por meio da linguagem verbal, o texto propõe refletir sobre como o corpo pode tornar-se um canal privilegiado de comunicação e cura. Serão discutidas as contribuições teóricas de autores como Bernard Aucouturier, Françoise Dolto e Bessel Van der Kolk, com foco na relevância do jogo simbólico, da ludicidade e do movimento como instrumentos de resgate da imagem corporal e da identidade da mulher.

Com base nesses referenciais, o percurso textual destacará a importância da escuta não verbal, da reconstrução da autoimagem, do resgate da autoestima e da regulação emocional no processo de superação do trauma. A psicomotricidade será apresentada como uma prática que respeita o tempo subjetivo da paciente, oferecendo um espaço seguro de expressão, reparação simbólica e reintegração sensório-afetiva, fundamental para que a mulher possa recuperar o prazer de ser, de existir e de se relacionar com o mundo.

O último subtítulo, intitulado *A psicomotricidade em contexto educacional: o abuso sexual na infância*, aborda a infância como uma fase essencial do desenvolvimento humano, mas que pode ser profundamente marcada por experiências traumáticas como o abuso sexual. Reconhecendo os impactos dessa violência silenciosa e invasiva no corpo e na constituição psíquica da criança, o texto propõe a psicomotricidade como uma abordagem potente na prevenção, identificação e intervenção diante dos sinais de sofrimento psíquico que podem emergir no ambiente escolar. Apresenta-se a escola como espaço privilegiado de convivência e observação, desde que os profissionais estejam capacitados a perceber as expressões tônico-emocionais da criança. Nesse sentido, a psicomotricidade oferece ferramentas de escuta sensível e intervenção ética, destacando-se a importância de se criar um espaço seguro e afetivo que favoreça a livre expressão da criança. A construção desse espaço demanda um compromisso coletivo da equipe pedagógica, que deve compreender e acreditar no valor da prática psicomotora como instrumento de transformação e cuidado. O tópico também enfatiza o papel das brincadeiras simbólicas de assentamento profundo como formas de lidar com angústias e fortalecer a segurança emocional. Por fim, conclui-se que a psicomotricidade, ao integrar corpo, emoção e relação, contribui para a promoção do bem-estar infantil, sendo uma prática pedagógica e terapêutica indispensável na escuta e no acolhimento de crianças que vivenciam traumas, como o abuso sexual, promovendo sua proteção, desenvolvimento e reconstrução subjetiva.

Assim, este estudo propõe refletir sobre os modos como a psicomotricidade pode contribuir com a reconstrução subjetiva de mulheres e crianças cujos corpos foram violados, reconhecendo a importância de uma abordagem que respeite o corpo como uma forma de expressão.

2 CORPOS FEMININOS INVADIDOS E VIOLADOS, A PARTIR DE BUTLER

Os corpos femininos são atravessados por regulações sociais que condicionam sua vulnerabilidade, sendo a materialidade desses corpos regulada por normas sociais condicionantes à personificação do que é ser mulher, determinando, portanto, o comportamento e a forma desse corpo feminino perante à sociedade. A partir disso, pode-se afirmar que “a materialização do corpo é regulada por normas de gênero que determinam a inteligibilidade dos corpos dentro de uma matriz de poder, então a vulnerabilidade desses corpos não é uma característica natural, mas um efeito dessas normas” (Butler, 1993, p. 15).

Os corpos femininos são vulneráveis não por uma condição biológica, mas porque são atravessados por normas sociais que os posicionam dentro de relações de dominação e subordinação. Essa vulnerabilidade é socialmente construída e reproduzida através de discursos e práticas. A regulação do que é ser mulher na sociedade patriarcal, impacta diretamente os corpos femininos, porque muitas vezes são alvos de violência por não se adequarem ao ideal normativo.

Dentro desse contexto, a violação dos corpos femininos em contextos de estupro, feminicídio e violência doméstica podem ser compreendidos como uma consequência dessas normas, que historicamente posicionam as mulheres como seres subordinados e penetráveis.

Ao refletir sobre essa materialidade normatizada, Butler (1993, p. 12) questiona: “quais corpos vêm [*sic*] a importar e por quê?”. A resposta está na estrutura de poder que estrutura a inteligibilidade dos corpos, determinando quais são considerados humanos e dignos de existência, enquanto outros são expostos à violência e ao apagamento.

Dentro dessa perspectiva, a violência contra o corpo feminino não é um acidente, mas sim um mecanismo de correção social que busca reafirmar normas de gênero e manter a estrutura do poder patriarcal, pois “a materialização normativa do gênero não apenas regula os corpos, mas também os expõe à violência como condição a sua inteligibilidade.” (Butler, 1993, p. 15). Para manter a estabilidade do sistema patriarcal, os corpos femininos que desafiam as normatizações e regulações apontadas pela autora são, muitas vezes, violentados e excluídos. Com isso, pode-se perceber que a violência ao corpo feminino não é apenas um ato individual de agressão, mas um problema social que têm as suas raízes provenientes na estruturação, normatização e instituição da própria sociedade.

A sociedade, ao definir o corpo feminino como vulnerável, subjetivamente cria o contraponto da existência de outros corpos como detentores do poder. É preciso questionar quais são esses outros corpos detentores de poder dentro de uma sociedade essencialmente machista e misógina para, com isso, perceber como essa dinâmica reforça a naturalização da violência contra as mulheres ao interpretar os corpos femininos como frágeis e passíveis de serem invadidos. Esse ciclo só poderá ser interrompido quando houver a subversão dessas normas que condicionam os corpos femininos como penetráveis, desafiando a maneira como esses corpos femininos são normatizados e regulados.

3 CORPOS FEMININOS INVADIDOS E VIOLADOS, A PARTIR DE DOLTO

O corpo não é um objeto físico. O corpo é um espaço simbólico onde se manifestam as experiências físicas, emocionais e psíquicas. Com isso, pode-se afirmar que o corpo é o campo de subjetividade e de construção da singularidade do indivíduo através das experiências vividas

por eles. Por isso, dentro desse contexto, o corpo é também “o mediador organizado entre o sujeito e o mundo” (Dolto, 1986, p. 10).

A construção da singularidade e da subjetividade dos indivíduos através dos seus corpos e com os seus corpos é bastante relevante para o seu posicionamento no mundo. Dentro dessa perspectiva, ao pensar no corpo feminino, pode-se destacar as experiências atreladas aos fatores biológicos referentes, exclusivamente, ao sexo feminino.

O corpo da mulher, de muitas formas, vive experiências próprias do sexo feminino como, por exemplo, a gestação, a menstruação, a menopausa, entre outros fenômenos biológicos exclusivos do sexo feminino que tornam a experiência do que é ser mulher na sociedade ainda mais única e subjetiva.

A sociedade, muitas vezes, impõe estigmas e expectativas em torno dessas experiências, como se a menstruação, a maternidade ou a menopausa fossem aspectos naturais a serem vivenciados de uma forma padronizada. No entanto, cada mulher vivencia essas fases de maneira única, muito embora, devido aos condicionamentos e normatizações abordados no subtítulo anterior, as mulheres enfrentem pressões sociais que as normatizam e as regulem de acordo com aquilo que a sociedade considera como um padrão comportamental correto diante dessas experiências próprias do sexo feminino. O fato é que todas as experiências vividas pelo corpo feminino, sejam elas positivas ou negativas, de cunho biológico ou sociológico, moldam a imagem corporal que a mulher tem de si. Sobre esse aspecto, podemos destacar que:

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante [...] se estrutura pela comunicação entre os sujeitos e o vestígio, no dia a dia, memorizado, do gozar frustrado, reprimido ou proibido (Dolto, 1993, p. 14).

Refletindo com a autora, a imagem do corpo é única de cada indivíduo e está ligada à história pessoal do sujeito, sendo inconsciente e resultante das experiências emocionais do próprio indivíduo. Dentro desse contexto, é válida a seguinte reflexão: se o corpo é um espaço simbólico no qual se manifestam as experiências físicas, emocionais e psíquicas de um indivíduo, se é também com ele que todas as experiências são vividas pelo corpo feminino, sejam elas positivas ou negativas, de cunho biológico ou sociológico, moldando a imagem corporal que a mulher tem de si, como fica a imagem corporal de um corpo feminino que foi invadido e violado? Quais são as consequências físicas, emocionais e psíquicas para o corpo dessa mulher?

Quando uma mulher sofre um abuso ou violação, essa experiência não é apenas uma agressão física, mas também um ataque psíquico e emocional que reverbera profundamente na forma em como ela enxerga e sente o seu corpo, resultando, de forma inconsciente, a alteração da imagem que tem do seu próprio corpo. Podemos compreender que o lugar que a vítima ocupa dentro de seu próprio imaginário, sua autoimagem, o que pensa e considera de si própria, o quanto acredita que vale e merece receber da vida e suas crenças em relação à própria capacidade são alguns dos aspectos que podem ser afetados por essa experiência.

A mulher sobrevivente desse trauma, ao ter suas barreiras violentadas, tenta construir novos limites entre si mesma e o mundo. Porém, tais delimitações são construídas improvisadamente pela dinâmica do trauma, por meio de ganho de peso, desleixo pessoal, falta de cuidado consigo mesma ou a procura de não ser atraente sexualmente. Pode também desenvolver problemas dermatológicos, de aprendizagem ou de comportamento.

Há um certo tom de fatalidade em relação ao futuro de uma mulher que sofre violência sexual, especialmente se foi crônica ou se ocorreu na infância. É como se a sobrevivente do trauma estivesse inclinada a ocupar a posição de vítima em novas traumatizações, impossibilitada de obter conscientemente o controle da própria vida.

Dentro desse contexto, Dolto (1984 *apud* Prado; Carneiro, 2005, p. 14) diz que:

As mulheres vítimas de abuso sexual na infância correspondem aos casos mais difíceis de serem tratados psicanaliticamente, sobretudo quando é imposto à criança o silêncio pelo adulto abusador, tirando-lhe desta forma toda via de simbolização e possibilidade de simbolização.

A autora nos aponta a dificuldade de tratar psicanaliticamente mulheres que tiveram seus corpos invadidos e violados. Dessa forma, abre-se espaço para uma possível reflexão sobre como dar atenção a esse desconforto deixado na mulher que foi vítima dessa violência. Existe uma possível saída para o alívio dessas emoções negativas através da psicomotricidade? Há uma forma de amenizar esses danos causados por essas emoções negativas através da prática psicomotora? De que forma os jogos simbólicos e a ludicidade podem favorecer na recuperação da imagem corporal na mulher que foi invadida e violada? Quais são os desafios que a psicomotricidade encontra nesse processo?

4 UM POSSÍVEL DESVIO NA PERSPECTIVA DA PSICOMOTRICIDADE

A violência deixa feridas que geram traumas e os traumas precisam de atenção. No caso da violência contra a mulher, um tratamento faz-se indispensável para cuidar dos danos causados pelos sentimentos negativos causados na mulher que foi vítima. Lapierre e Aucouturier (1986, p. 79) defendem que “a linguagem verbal é meio de compreensão do outro, mas sobretudo meio de expressão do sujeito”.

Entretanto, nem sempre as mulheres conseguem expressar, através da linguagem verbal, a violência que sofreram. Diante de uma dor física ou psicológica gerada por uma violência (sobretudo a violência sexual), falar pode se tornar um ato difícil e incômodo para muitas vítimas. Além disso, segundo Dolto, “as palavras, para fazerem sentido, devem, primeiro, tomarem corpo, serem, ao menos, metabolizadas em uma imagem do corpo relacional” (Dolto, 1984, p. 34).

Dentro desse contexto, a psicomotricidade surge como uma abordagem essencial pois, através dos jogos simbólicos e da ludicidade, pode se tornar um excelente recurso para mulheres vítimas de violência porque, através de seu próprio corpo, a mulher pode se comunicar e se expressar simbolicamente e, com isso, reconquistar uma imagem saudável de si mesma. Dentro desse contexto, pode-se considerar que:

A conquista da imagem de si é um objetivo da educação. A identidade e a representação de si vêm ao encontro uma de outra: adquirir a identidade significa permanecer semelhante a si mesmo diante das dificuldades de sua evolução. Adquirir a identidade é transformar-se diante da diversidade das experiências, sem perder sua própria continuidade do prazer de si mesmo. (Aucouturier, 2007, p. 149)

Nesse sentido, o movimento com o corpo, as brincadeiras e os jogos simbólicos oferecem um espaço de reconciliação, em que a mulher pode trabalhar as emoções de forma segura, sem a pressão de precisar falar sobre a violência de forma explícita. Essa abordagem se pauta no brincar corporal e permite que a mulher expresse suas emoções, respeitando o seu tempo e ritmo, oferecendo a possibilidade de uma recuperação gradual, ao mesmo tempo em que respeita as fronteiras emocionais e físicas da mulher. Dentro desse contexto, podemos afirmar que, para Aucouturier (2007, p. 177), “a brincadeira é fonte de escuta e compreensão sensível do Outro”.

Com as intervenções psicomotoras é possível promover a proteção da consciência corporal e fortalecer o sentimento de segurança, contribuindo para o processo de recuperação e ressignificação da experiência de violência vivida pela mulher pois, de acordo com Lesme, Rodriguez e Llinares (2019, p. 51), “a psicomotricidade relacional oferece à pessoa a possibilidade de ser, de poder construir-se a partir de lugares mais saudáveis tornando-se

agentes ativos de seu desenvolvimento e da tomada de decisões sobre sua própria vida.” A psicomotricidade, ainda nesse contexto, é capaz de promover a reintegração sensorial e emocional, o resgate da autoestima e da relação mais positiva da mulher com seu próprio corpo, pois,

Por meio dessa prática, é possibilitada a capacidade [...] de redimensionar a maneira de se adaptar e se ajustar ao ambiente a partir de diferentes âmbitos, tanto de excesso (agressividade, medo, dependência, timidez, isolamento ou atividade motora), como a partir da limitação ou falta (criatividade, limites, tolerância, imitação, atenção, autoestima ou expressões gráficas, motoras e verbais deficitárias). (Luz, 2012 *apud* Lesme; Rodriguez; Llinares 2019, p. 51).

Dentro desse contexto, o papel do psicomotricista, de acordo com Aucouturier (2007), seria garantir a área da brincadeira por saber como fazer evoluir o corpo a corpo. Ainda dentro desse contexto, Lapierre (1977; 1990, *apud* Lesme; Rodriguez; Llinares 2019, p. 49) diz que “Durante a sessão de psicomotricidade, o adulto não tem nada a ensinar. O essencial reside em estar disponível para a criança, seguindo-a na dinâmica de seus pensamentos e ações”. Sendo assim, o primeiro passo para a recuperação de mulheres que sofreram violências a partir da perspectiva da psicomotricidade, assim como em um atendimento com uma criança, é o psicomotricista compreender que ele deve estar disponível para a mulher, permitindo-se perceber os sentimentos, emoções, angústias e tristezas causados pelo trauma gerado pela violência e que impactam diretamente na estrutura tônico-afetiva da paciente.

Dentro dessa perspectiva, pode-se afirmar que a qualidade da relação terapêutica através da psicomotricidade pressupõe a existência de um prazer mútuo na interação. Nesse sentido, é fundamental que o psicomotricista resgate em si a vivência lúdica e o gosto pelo movimento, elementos indispensáveis para estabelecer uma conexão autêntica com o paciente. Sobre isso, Lapierre (1990 *apud* Lesme; Rodriguez; Llinares 2019, p. 50) afirma que “O psicomotricista deve reencontrar em si mesmo o prazer do jogo, do movimento, já que para que haja uma boa relação, é necessário haver um prazer compartilhado.”.

Assim sendo, a psicomotricidade, por meio do jogo, pode propiciar para mulher um espaço simbólico de exploração e reconexão com aspectos profundos de sua subjetividade, permitindo o acesso à essência que orienta sua forma de estar consigo mesma e com o ambiente ao seu redor. Tal possibilidade se sustenta, entre outros elementos, em uma abordagem metodológica que valoriza o jogo livre e espontâneo, no qual a mulher pode dar forma a suas fantasias (muitas vezes associadas a angústias primordiais) e encontrar caminhos para sua elaboração e ressignificação. Como afirmam Lesme, Rodriguez e Llinares (2019, p. 52):

Por intermédio do jogo, a psicomotricidade oferece à pessoa um espaço para transitar pelos caminhos que levam ao eu mais profundo, à essência que condiciona a expressão do sujeito na relação consigo mesmo e com o mundo que o rodeia. Isso é possível graças a, entre outros fatores, uma metodologia baseada no jogo livre e espontâneo, em que a pessoa pode viver suas fantasias (ligadas às angústias arcaicas), e tem a possibilidade de repará-las.

Early (1993 *apud* Souza *et al.*, 2012) afirma que mulheres vítimas de violência costumam ter a sua autoimagem afetada, além de terem uma delimitação confusa das próprias barreiras e dos próprios limites. Sofrem estigmatização, vergonha, traição, dissociação e repetição. Passam a ter o desejo da invisibilidade e se veem como “sujas”, “feias” e “nojentas”. Ele diz que as mulheres que sofrem abusos e violências passam a apresentar dissociação do trauma psicológico. Sendo assim, de acordo com Kolk (2020, p. 242):

É preciso lidar com as marcas do trauma que ficam no corpo, na mente e na alma: a sensação de pressão no peito, que se pode chamar de ansiedade ou depressão; o medo

de perder o controle; a vigilância constante contra o perigo e a rejeição; o autodesprezo; os pesadelos e os flashbacks; o nevoeiro que impede o encerramento de uma tarefa ou se concentrar plenamente no que está fazendo; a incapacidade de abrir o coração por inteiro.

Dentro desse contexto, como dito anteriormente, a psicomotricidade, com os jogos simbólicos, pode atuar para a recuperação da mulher traumatizada. É por meio do jogo simbólico, quando vivido de forma livre e espontânea, que a mulher pode expressar conteúdos ligados ao seu inconsciente, revelando medos e angústias que, por vezes, afetam sua forma de se relacionar consigo mesma e com o ambiente ao seu redor. De acordo com Lapierre (1981 *apud* Lesme; Rodriguez; Llinares, 2019, p. 55):

Por meio do simbolismo dos jogos, podemos conhecer a realidade da pessoa por duas vertentes. Por um lado, podemos descobrir o eu inconsciente, ligado à realidade, onde se manifesta a racionalidade, a objetividade, os conceitos intelectuais, o mundo do concreto, do lógico e do cognitivo. Por outro lado, o eu inconsciente, ligado ao imaginário, em que se manifestam os fantasmas inconscientes, as pulsionalidades, a libido, os desejos reprimidos e a ambivalência afetiva.

Para realizar um bom trabalho de prática psicomotora para curar o trauma da mulher que sofreu uma violência, pode-se pensar em atividades de propriocepção, ajudando a mulher a confiar e sentir seu próprio corpo no espaço por meio de exercícios específicos que estimulam a percepção tátil de forma gradual, evitando gatilhos traumáticos. De acordo com Kolk (2020, p. 256), “A maneira mais natural de ajudar outros seres humanos a reduzirem seu sofrimento é tocando-os, abraçando-os e embalando-os. É um procedimento útil no caso de alerta excessivo e faz com que se sintam salvos, seguros, protegidos e senhores de si.”. Nesse contexto, a estimulação sensorial controlada, pode contribuir para que a mulher volte a experimentar o toque e as sensações de maneira segura e progressiva. Ainda dentro desse contexto, os traumas vivenciados podem se manifestar fisicamente, provocando tensões e padrões de movimentos disfuncionais, pois, como diz Kolk (2020, p. 243):

Trauma é muito mais do que uma narrativa sobre algo ocorrido há muito tempo. As emoções e as sensações físicas gravadas não são experimentadas como lembranças, mas como reações físicas perturbadoras no presente. [...] Os motores das reações pós-traumáticas se localizam no cérebro emocional. Em contraste com o racional, que se expressa em pensamentos, ele se manifesta em reações físicas: sensações viscerais, palpitação cardíaca, respiração acelerada, sensação de aflição, voz tensa e aguda, e ainda os típicos movimentos corporais que indicam colapso, rigidez, raiva ou atitude defensiva.

A psicomotricidade, nesse contexto, pode atuar na liberação das tensões e padrões por meio de atividades de expressão corporal e exercícios rítmicos que favorecem a ressignificação da relação com o próprio corpo. Movimentos de relaxamento e alongamento também são essenciais para reduzir a tensão muscular e promover um estado corporal mais relaxado e equilibrado. Sobre essas técnicas, Kolk (2020, p. 246) diz que: “Podemos treinar nosso sistema de alerta pela respiração, por cânticos e movimentos, técnicas que têm sido utilizadas desde tempos remotos em lugares como China e Índia [...] mas que a cultura Ocidental vê com desconfiança e rotula como alternativo.”.

Outro aspecto importante desse processo é o fortalecimento de uma tonicidade corporal e do empoderamento do corpo. Técnicas psicomotoras sensoriais com a utilização de bolas, tecidos, bastões e cordas podem proporcionar à mulher uma sensação de controle sobre o próprio corpo, favorecendo a autoconfiança e auxiliando no desenvolvimento da segurança, permitindo que a mulher se sinta mais preparada para interações sociais e desafios cotidianos pois, de acordo com Kolk (2020, p. 364):

As estruturas da terapia psicomotora encerram a possibilidade de formar memórias virtuais que vão coexistir com as realidades dolorosas do passado e proporcionar experiências sensoriais de reconhecimento, carinho e apoio capazes de servir como antídotos para lembranças de mágoas e traições.

A regulação emocional também pode ser beneficiada pelo trabalho psicomotor, especialmente, por meio de práticas de respiração diafragmática. Muitas sobreviventes de abuso sexual experimentam hipervigilância e dificuldades respiratórias devido ao estado constante de alerta, o que torna fundamental a introdução de exercícios respiratórios que promovem o relaxamento e a estabilização emocional. Nesse sentido, de acordo com Kolk (2020, p. 246):

Aprender a respirar com calma e permanecer em um estado de relaxamento físico relativo, mesmo quando se está explorando lembranças dolorosas e horripilantes, é um caminho essencial para a recuperação. [...] Movimentos respiratórios lentos e profundos, nota os efeitos do freio parassimpático em seu estado de alerta.

Dentro desse contexto, a conversa de confiança interpessoal pode ser considerada um desafio para as mulheres vítimas de violência e, nesse sentido, a psicomotricidade pode facilitar esse processo por meio de atividades em grupo e exercícios que valorizam a expressão não-verbal. Os jogos cooperativos ajudam a restaurar a sensação de segurança nas interações sociais, enquanto trabalhos em duplas ou grupos, com contato seguro e consentido são importantes para a ressignificação da proximidade física.

Essa é uma das razões pelas quais as experiências altamente estruturadas da terapia psicomotora são tão valiosas. Os participantes projetam sua realidade interna num espaço ocupado por pessoas reais, onde podem explorar a cacofonia e a confusão do passado. Uma experiência que nos leva a momentos concretos de satisfação triunfante. (Kolk, 2020, p. 361)

Foram apresentadas algumas intervenções que podem ser realizadas através da terapia psicomotora para que a mulher possa reconquistar a liberdade do desejo, o prazer de ser si mesma, de comunicar-se e de estar viva. Dessa forma, ela pode retomar o protagonismo sobre seu corpo e sua história de vida, ressignificando sua existência para além da violência vivida e permitindo-se, novamente, viver com autenticidade, dignidade e prazer em ser quem é, pois, de acordo com Aucouturier (2007, p. 152), “O prazer de ser si mesma anima o sentimento de ser livre, ou seja, de ir mais longe possível na realização de si e na alegria com os outros, pois a alegria e a liberdade residem no compartilhar.”.

Diante de tudo o que foi exposto, conclui-se que a psicomotricidade constitui uma abordagem educativa e terapêutica potente e sensível no processo de cuidado com mulheres vítimas de violência. Por meio do jogo simbólico, da expressão corporal e da escuta ativa, é possível acessar dimensões do trauma, promovendo a reconstrução da imagem de si, o fortalecimento da autoestima e a ressignificação da relação com o próprio corpo. A prática psicomotora, ao respeitar o tempo, o limite e a subjetividade da mulher, oferece um possível caminho para que ela reconquiste a sua autonomia, reconstrua a sua história e se reencontre no prazer de ser, de existir e de se relacionar com o mundo de uma forma mais autêntica e livre.

5 A PSICOMOTRICIDADE EM CONTEXTO EDUCACIONAL: O ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

A infância é uma fase essencial para o desenvolvimento global do ser humano, marcada por descobertas, vínculos afetivos e pela formação da identidade. No entanto, para muitas crianças esse período pode ser atravessado por experiências negativas como o abuso sexual. Essa violência, silenciosa e inviabilizada, torna o corpo alvo de violação e invasão, além de

comprometer o desenvolvimento psicomotor da criança. É nesse ponto que a psicomotricidade se revela fundamental para a prevenção ou identificação de sinais de sofrimento psíquico no ambiente escolar. Para Aucouturier (2007, p. 17):

A psicomotricidade é um convite para se compreender o que a criança expressa sobre seu mundo interno pela via da motricidade. É também um convite para se captar o sentido dos comportamentos. A psicomotricidade clarificada nos permite, assim, melhor compreender a prática psicomotora educativa e preventiva, como também a prática de ajuda à orientação terapêutica.

A escola enquanto espaço privilegiado de convivência e observação contínua pode desempenhar um papel central na detecção de sinais de sofrimento psíquico, desde que educadores e profissionais estejam capacitados para compreender os sinais tônico-emocionais expressos pelas crianças. A psicomotricidade, nesse cenário, propõe ferramentas para observar e intervir de maneira humanizada, acolhedora e ética. Nesse sentido: “A prática de ajuda psicomotora (a terapia psicomotora) é proposta à criança quando observamos distúrbios da integração psicossomática, que limitam os processos de asseguramento diante das angústias.” (Aucouturier, 2007, p. 18).

Para acontecer a intervenção de maneira humanizada, acolhedora e ética é preciso oferecer à criança um espaço seguro para expressar suas emoções. Mais do que um ambiente físico, esse espaço seguro é construído através de vínculos afetivos, escuta ativa, respeito e acolhimento. Sendo assim, Aucouturier (2007, p. 146) diz que:

A inclusão em um espaço desejado, no qual a criança é reconhecida onde ela pode expressar os seus desejos, seus fantasmas e seus afetos, é um espaço de segurança e liberdade, necessário à construção de si. [...] Assim, em um ambiente de segurança constituído pelo espaço e o material colocado à disposição da criança e mantido pela disponibilidade de acolhida e de escuta emocional por parte do psicomotricista, a criança se sentirá envolvida e capaz de viver plenamente sua expressividade motora, carregada de afeto e prazer.

Dentro desse contexto, criar um espaço seguro para a expressão emocional da criança é um compromisso coletivo. É uma construção que se faz diariamente, com presença, sensibilidade e intenção. É uma escolha pedagógica e ética que transforma não só a experiência da criança na escola, mas sua forma de se relacionar com o mundo. E, para isso, é necessário um objetivo por parte da equipe pedagógica. Dentro desse aspecto, é importante que a equipe educativa compreenda o sentido das práticas psicomotoras e acredite nela como um agente transformador do tônico-emocional infantil, sendo assim:

A aplicação da prática psicomotora demanda, por parte da equipe educativa, um objetivo comum, voltado para a criança, atribuindo um lugar importante à ação nos processos de aprendizagem, à expressão livre, à atividade lúdica, à emoção e à palavra, assim como a atenção apurada sobre as potencialidades de cada criança do grupo. É preciso que haja um objetivo em comum em relação a uma pedagogia que privilegie a experiência das crianças, a busca coletiva e a elaboração constante de um ambiente institucional indispensável ao desenvolvimento psicológico de cada criança do grupo (Aucouturier, 2007, p. 191).

A prática psicomotora educativa favorece o desenvolvimento da função simbólica, dos processos de asseguramento e descentração. Entretanto, destacamos aqui, neste trabalho, as brincadeiras simbólicas de asseguramento profundo, pois elas estão relacionadas como sendo brincadeiras de segurança contra as angústias, favorecendo assim a segurança afetiva e confiança das crianças. Aucouturier (2007, p. 209), complementa essa reflexão ao afirmar que

“As brincadeiras de asseguramento profundo [...] têm uma função específica de assegurar ou reassegurar a criança contra a perda original de si e do objeto-mãe”.

Assim, algumas brincadeiras de asseguramento profundo como brincadeiras de destruição, de prazer sensório-motor, de se envolver, se esconder de perseguição, de identificação com agressor, de encher e esvaziar, reunir e separar são importantes para o desenvolvimento psicomotor das crianças, pois as fortalecem emocionalmente e as auxiliam a se sentirem seguras, acolhidas e amadas. Aucouturier (2007, p. 109) ainda afirma que “A prática psicomotora educativa e preventiva traz uma contribuição considerável aos processos de asseguramento e reasseguramento contra as angústias, quer dizer, a segurança emocional, através de meios educativos.”.

Diante do exposto, é possível afirmar que a psicomotricidade se apresenta como uma abordagem essencial na promoção do bem-estar infantil, especialmente em contextos escolares onde a criança passa grande parte do seu tempo. Ao integrar corpo, emoção e relação, essa prática oferece ferramentas potentes para a escuta sensível e a intervenção precoce frente aos sinais de sofrimento psíquico, como os que podem decorrer de experiências traumáticas como o abuso sexual. Mais do que uma metodologia, a psicomotricidade é uma ciência que propõe um olhar humanizado que reconhece e respeita a criança em sua totalidade. Ao criar espaços seguros, afetivos e expressivos, sustentados por vínculos e pela escuta ativa, a escola se transforma em um ambiente de proteção e desenvolvimento. Assim, o compromisso da equipe pedagógica com uma prática psicomotora ética e sensível torna-se não apenas um ato pedagógico, mas também um gesto de cuidado, prevenção e resistência frente às diversas formas de violência que podem marcar a infância.

6 METODOLOGIA

Essa pesquisa de caráter bibliográfico busca compreender quais e como são as formas em que a psicomotricidade pode contribuir com mulheres que tiveram seus corpos violados em suas existências e também como pode ser um método de prevenção contra abusos sexuais na infância. A escolha do método bibliográfico justifica-se pela necessidade de explorar as contribuições teóricas de alguns autores que abordam a psicomotricidade, a violência contra o corpo feminino e a psicomotricidade no contexto educacional.

A pesquisa foi realizada em duas etapas principais: a seleção da literatura pertinente e a análise crítica dessa literatura.

Para tanto, foram selecionadas quatro obras principais. A primeira foi *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo*, de Judith Butler (1993). Nesse livro, a autora versa sobre a materialidade do corpo e na maneira como os corpos se tornam reconhecíveis e inteligíveis dentro das normas culturais. Essa obra nos ajuda a perceber como os corpos femininos não são vistos como plenamente soberanos, mas como disponíveis e controláveis, o que nos ajuda na compreensão de como é construído socialmente o discurso que legitima a violência física, simbólica e discursiva contra esses corpos.

A segunda obra escolhida foi *A imagem inconsciente do corpo* de Françoise Dolto (1986). A autora, nessa obra, reflete sobre o corpo não ser apenas biológico, ele é também simbólico, inconsciente e psíquico. A autora propõe que o sujeito constrói uma imagem inconsciente do corpo a partir das experiências vividas, com isso, contribui para refletirmos sobre como pode ficar a imagem corporal de uma mulher que tem seu corpo violado.

A terceira obra escolhida foi *O método Aucouturier: fantasmas de ação e prática psicomotora*, de Bernard Aucouturier (2007). Esse livro é uma obra sobre a prática psicomotora e oferece um referencial teórico-prático para compreender como a motricidade expressa dimensões psíquicas e simbólicas profundas. Nele, o autor versa e defende as práticas educativo-preventivas e terapêuticas, o que contribuiu neste trabalho para a reflexão das

práticas de uma metodologia concreta e ética para trabalhar no contexto tanto clínico como educacional com mulheres e crianças que foram marcadas por experiências de violência física ou simbólica, respeitando o silêncio e o tempo dos indivíduos.

A quarta obra escolhida chama-se *O corpo guarda as marcas: cérebro, mente e corpo na cura do trauma*, do autor Bessel Van Der Kolk (2020). A obra versa sobre o impacto do trauma no corpo e na mente. O autor defende que as marcas deixadas por experiências traumáticas não se limitam ao campo da memória ou da Psicologia, mas se alojam profundamente no corpo. A tese central do livro é que o corpo guarda as marcas do sofrimento psíquico, manifestando-se em reações automáticas, padrões de defesa corporal, doenças psicossomáticas e desregulação emocional. Ele critica abordagens tradicionais que tratam o trauma apenas pela via verbal e cognitiva, argumentando que métodos exclusivamente racionais não alcançam o cérebro emocional, onde o trauma realmente se fixa. Sendo assim, esse livro contribui fundamentalmente neste trabalho, pois dialoga diretamente com os fundamentos da psicomotricidade ao reconhecer o corpo como o mediador entre o emocional e o simbólico.

Por fim, é importante destacar que, sendo uma pesquisa bibliográfica, este estudo não incluiu coleta de dados empíricos diretos, mas sim uma análise reflexiva dos textos disponíveis, fundamentando-se na revisão de literatura existente.

7 CONCLUSÃO

A partir da análise bibliográfica realizada neste estudo, foi possível perceber a complexidade e a profundidade do desafio que a psicomotricidade enfrenta ao lidar com os corpos femininos e infantis violados em suas existências. A violência contra esses corpos, seja física, sexual ou simbólica, provoca danos profundos na construção da subjetividade, afetando a relação do indivíduo com seu próprio corpo e sua identidade. Nesse contexto, a psicomotricidade surge capaz de promover o restabelecimento de um vínculo mais saudável entre o sujeito e seu corpo, ao mesmo tempo que propõe caminhos para a superação dos traumas e da opressão vivida.

Os estudos revisados mostram que, embora existam diversas abordagens que utilizam a psicomotricidade como ferramenta de intervenção, ainda há um caminho a ser percorrido para que essas práticas se tornem amplamente reconhecidas e sistematizadas em contextos de atendimento às vítimas de violência. A psicomotricidade tem potencial para ser um espaço de reconstrução da autonomia, da percepção do corpo e da expressão emocional, porém, sua aplicação exige sensibilidade, formação específica e uma abordagem que considere as múltiplas dimensões do sofrimento.

Além disso, a pesquisa destacou a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, integrando a psicomotricidade com outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, os estudos de gênero e as Ciências Sociais, para que se compreenda plenamente o impacto da violência e as formas mais eficazes de enfrentamento desse cenário. A reflexão crítica sobre os métodos e intervenções existentes também evidencia a importância da psicomotricidade nas práticas que contribuam para o trabalho da imagem corporal e da ressignificação dos traumas que envolvem tais questões. Por isso, é fundamental que os profissionais estejam preparados para lidar com as complexidades da violência.

Portanto, este trabalho reforça a importância de se investir em pesquisas e práticas que promovam uma abordagem mais humanizada, empática e integradora quando se trata de intervenções terapêuticas ou educacionais que envolvem mulheres e crianças vítimas de violência. A psicomotricidade, ao trabalhar o corpo, o movimento e a consciência corporal, se apresenta como uma poderosa ferramenta de transformação e recuperação, sendo um campo promissor para a promoção da saúde mental e do bem-estar das mulheres e crianças afetadas pela violência.

Trabalhar com o corpo em uma expressão não-verbal, com os bons afetos e a alegria que a psicomotricidade torna possível pode ser um caminho para a quebra de um silêncio que esses corpos de mulheres e crianças violados precisaram buscar, ao longo de tantos anos, para se proteger de mais violações.

REFERÊNCIAS

- AUCOUTURIER, Bernard. **O método Aucouturier**: fantasmas de ação e prática. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Verônica Daminelli e Daniel Yago França. São Paulo: N1 edições, 2019.
- DOLTO, Françoise. **L’image inconsciente du corps**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- DOLTO, Françoise. **La imagen inconsciente del cuerpo**. 1. ed. castellana. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1986.
- DOLTO, Françoise. **La imagen inconsciente del cuerpo**. 2. ed. castellana. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1993.
- KOLK, Bessel Van Der. **O corpo guarda as marcas**: cérebro, mente e corpo na cura do trauma. Tradução: Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.
- LAPIERRE, Andre; AUCOUTURIER, Bernard. **A simbologia do movimento**: psicomotricidade educação. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LESME, Talia C. Morillo; RODRIGUEZ, Josefina Sanchez; LLINARES, Miguel Llorca. **Os transtornos do vínculo**: análise e intervenção a partir da Psicomotricidade Relacional: caminhando em direção a uma relação segura. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Corpora Ediciones, 2019.
- PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida; CARNEIRO, Terezinha Féres. Abuso sexual e traumatismo psíquico. **Interações**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 11–34, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v10n20/v10n20a02.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- SOUZA, Flavia Bello Costa de; DREZETT, Jefferson; MEIRELLES, Alcina de Cássia; RAMOS, Denise Gimenez. Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. **Reprodução & Climatério**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 98-103, set./de. 2012. Disponível em: [Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual - ScienceDirect](#). Acesso em: 30 jun.2025.

AGRADECIMENTOS

À minha tia, Janaína Lima de Oliveira, por todo o amor que me foi dedicado durante os meus 30 anos de existência.

À minha orientadora, Cristie de Moraes Campello, por todo o acolhimento, paciência e incentivo durante o meu processo de escrita.

À coordenadora do curso, Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer, pela paciência, carinho, acolhimento em determinado momento de escrita deste trabalho.

À professora e também colega de trabalho, Celia Regina Nonato da Silva Loureiro, pelas conversas, dicas e trocas de ideias na sala dos servidores do Colégio Pedro II, campus Humaitá I.

A todos os amigos da turma de especialização em Psicomotricidade Educacional do Colégio Pedro II.

E, por fim, a cada amigo e amiga que esteve presente comigo nessa caminhada chamada vida, me incentivando, me acolhendo, compartilhando momentos inesquecíveis. Vocês me fazem acreditar que a vida vale a pena.